



Entre Ficino e Dürer:

Uma possibilidade de diálogo entre o texto e a imagem

ANDRÉIA DE FREITAS RODRIGUES





Partindo da observação da gravura Melencolia I, produzida em 1514 por Albrecht Dürer, o artigo procura mostrar indícios que apontem a relação daquela imagem com o texto do livro *De vita triplici*, de Marsilio Ficino, escrito anos antes, evidenciando para além dos limites de uma análise formalista da obra, sua vinculação aos acontecimentos históricos circundantes, pensando em sua análise iconográfica como um instrumento de reconstrução do indivíduo, do ambiente, da história geral.

Palavras chave: imagem, escrita, melancolia

Observing the engraving *Melencolia I*, produced in 1514 by Albrecht Dürer, the article attempts to show evidence indicating the relationship of that image with the text of the book *De vita triplici* of Marsilio Ficino, wrote years before, showing beyond the limits of a formalist analysis, its relationship to historical events surrounding them, thinking of his iconographic analysis as a tool for reconstruction of the individual, the environment, the general history.

Keywords: image, writing, melancholy



O Este texto traz parte das reflexões realizadas para a escrita da dissertação de mestrado – De Marsilio Ficino a Albrecht Dürer, considerações sobre a inspiração filosófica de 'Melencolia I', concluída no Programa de Pós Graduação do Departamento de História – UFJF, sob a orientação do prof. Dr. Cássio da Silva Fernandes. Aqui, partindo da observação da gravura Melencolia I, produzida em 1514 por Albrecht Dürer, o artigo procura mostrar indícios que apontem a relação daquela imagem ao texto do livro De vita tríplici, de Marsilio Ficino, escrito anos antes, evidenciando para além dos limites de uma análise formalista da obra, sua vinculação aos acontecimentos históricos circundantes, pensando em sua análise iconográfica como um instrumento de reconstrução do indivíduo, do ambiente, da história geral.

A teoria das artes esteve sempre envolvida em sua dupla dependência entre texto e imagem, como na história do paragone[1], retomada no Humanismo e sua tarefa de retorno à Antiguidade, numa construção de um novo homem baseada em obras do passado. Naquela época – o Renascimento – havia de fato, um acervo maior de referências retóricas e poéticas em comparação às pinturas, que haviam sido destruídas em sua maioria. Entretanto, sempre houve o questionamento da semelhança e/ou superioridade entre pintura e poesia e a possibilidade de correspondências entre uma e outra. Aqui, este texto não pretende focar sobre a questão do paragone, mas acompanhar um exemplo de produção imagética que é influenciada pela escrita, retirando desta elementos capazes de dar forma à imagem.

A melancolia, como sabemos, possui uma longa e rica tradição dentro da História da Arte. Fruto de estudos médicos, reflexões filosóficas, crenças religiosas, mágicas ou alquímicas, apareceu inúmeras vezes em diversos trabalhos, em diferentes períodos: paixão ou loucura, o furor, como Platão compreendia a força capaz de levar ao conhecimento, ou condição de exceção da genialidade, como preferia Aristóteles, ou ainda estado de tristeza, como definido por Hipócrates. Seja qual for sua origem, tornou-se fonte de inspiração que aparece em textos bíblicos, mitológicos ou tragédias antigas. Regida pelo temperamento melancólico e sua biliosa e negra expressão, atribuída ao planeta Saturno, materializou-se em pinturas, desenhos, esculturas desde a Antiguidade.

É certo que suas primeiras definições surgiram a partir da atenção voltada à fisiologia do corpo humano. Seu conceito é atribuído a Hipócrates (460 – 377 a.C.), que a definiu no Aforismo 23 do livro VI como um estado de tristeza e medo de longa duração: “Se o medo e a tristeza duram muito tempo, tal estado é próprio da melancolia”[2]. O médico de Cós situou a bile negra entre os quatro humores juntamente com a fleuma, a bile amarela e o sangue, líquidos presentes no corpo humano, desenhando uma lógica de pensamento que vincula diretamente o microcosmo e o macrocosmo, integrando em um campo de correspondências as estações do ano, as etapas da vida e os planetas conhecidos.

Também relacionou os quatro elementos da natureza (água, fogo, terra e ar) aos quatro humores do corpo humano, determinando assim quatro temperamentos segundo os quais respondemos às vicissitudes e principalmente, aos nossos sentimentos. Para ele, os quatro humores corporais eram responsáveis pelas associações entre o corpo e a mente. Os de fluxo sanguíneo acentuado eram normalmente calorosos. Os fleumáticos, aqueles de excessivo fluxo de linfa, eram necessariamente serenos e tranquilos. Já a demasia da bÍlis amarela representava o indivíduo normalmente agressivo. Finalmente, os problemas com a bÍlis negra eram diretamente incidentais no baço, uma manifestação fisiológica que culminava na melancolia. Hipócrates foi o primeiro a pensar no desequilíbrio dos quatro humores como causa determinante das doenças[3]. A melancolia apresentou-se como uma doença: